

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ ITINERÂNCIAS ENTRE MICHEL FOUCAULT E EDUCAÇÃO

Rosimeri de Oliveira Diasⁱ

Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso reconhecer *grandes fendas* no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. A *educação*, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, é bem sabido que segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. *Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos*, com os saberes e os poderes que eles trazem consigoⁱⁱ.

É com alegria que compartilhamos a produção deste dossiê, em especial porque sua organização funcionou como um movimento de desvio dos tempos de pandemia e de pandemônio que vivemos no Brasil. Nossa aposta é a de que ele – o dossiê – e a sua leitura tragam um pouco de ar para enfrentar o presente. Na série do que mais pode nos trazer ar e possíveis para ampliar o nosso grau de suportabilidade para enfrentar o presente, anunciamos, desde já, que, em 2 de dezembro de 2020, celebraremos os 50 anos da aula inaugural ministrada por Michel Foucault no Collège de France, com a organização de um evento e a publicação de um livro, que em breve divulgaremos. Fiquem atentos!

Neste sentido, e com a alegria da celebração, é que a epígrafe ganha lugar de destaque, abrindo a apresentação do Dossiê *Itinerâncias entre Michel Foucault e Educação*. Em especial, porque ela – a epígrafe – afirma que a educação é um espaço de produção de brechas para engendrar políticas, práticas e estéticas que abram espaço tempo para a invenção de si e do mundo. Questão cada vez mais necessária em tempos de negacionismos e ataques à educação pública, laica e de qualidade em nosso país.

Contudo, a ideia da organização deste dossiê é efeito dos trabalhos desenvolvidos pelo *Fórum Itinerante Michel Foucault e Educação* que acontecem, desde novembro de 2018, por meio dos deslocamentos de/entre professores e estudantes, da graduação e da pós-graduação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, fazendo operar dispositivos para enfrentar os desafios do presente e criar um espaço heterotópico de encontros e de conversas. Diante destas itinerâncias, a obra do filósofo, que em certa entrevista se identifica como um professor, um professor que realiza o seu ensino como pesquisa, abre-se para itinerâncias com a educação quando analisamos/intervimos com alguns de seus conceitos, considerados indispensáveis ferramentas do pensamento contemporâneo, tais como: saber, episteme, analítica do poder, disciplina,



biopolítica, governamentalidade, dispositivo, atitude crítica, acontecimento, verificação, aleturgia, subjetivação, cuidado de si, hermenêutica do sujeito, parresia etc. Esses e outros conceitos, assim como as estratégias de análises e de intervenções da arqueologia, da genealogia e da anarqueologia têm inquietado nossos modos de trabalhar em educação, contribuindo para ampliar o grau de suportabilidade de viver uma experiência presente, no presente.

No Curso *Do Governo dos vivos*, ministrado no Collège de France nos anos de 1979-1980, o professor Michel Foucault, na aula do dia 30 de janeiro de 1980, nos mostra a gênese das relações entre governo dos homens, manifestação da verdade – aleturgia – e salvação (liberdade). Na referida aula, ele nos diz que o trabalho teórico é um movimento de deslocamento permanente. E ainda nos confia:

para mim, o trabalho teórico não consiste – e não digo isso por orgulho ou vaidade, mas ao contrário por sentimento profundo da minha incapacidade – , não consiste tanto em estabelecer e fixar o conjunto das proposições nas quais eu me manteria e cujo vínculo (entre essas diferentes posições) supostamente coerente formaria um sistema. Meu problema ou a única possibilidade de trabalho teórico que me anima seria deixar, de acordo com o desenho mais inteligível possível, o vestígio dos movimentos devido aos quais não estou mais no lugar em que estava há pouco. Onde, vamos dizer, essa perpétua necessidade, ou necessidade, ou vontade, essa perpétua necessidade de fazer de certo modo o levantamento dos pontos de passagem em que cada deslocamento pode vir por conseguinte a modificar, se não o conjunto da curva, pelo menos a maneira como podemos lê-la e podemos apreendê-la no que ela pode ter de inteligível. Esse levantamento, por conseguinte, nunca deve ser lido como o plano de um edifício permanente. Não se deve portanto lhe impor as mesmas exigências que se imporiam se ele fosse um plano. Trata-se, mais uma vez, de um traçado de deslocamento, isto é, não de um traçado de edifício teórico, mas do deslocamento pelo qual minhas posições teóricas não param de mudarⁱⁱⁱ.

Pensando assim, em companhia do filósofo-professor, o dossiê se anima em promover movimentos, passagens e itinerâncias de Michel Foucault, justamente, porque a questão dos deslocamentos que traçamos no campo da educação – conceituais, práticos, ético-estético-políticos, analíticos e de intervenção – funcionam para acionar uma maquinaria conceitual e metodológica que priorize nos desprendermos do poder e que pode, talvez, servir de revelador para as transformações do sujeito, bem como para a relação que ele tem com a verdade.

A Revista Interinstitucional Artes de Educar tem sido um dos importantes canais de circulação e divulgação dos modos ético, estéticos e político de educar. Seguindo este princípio editorial, este número, em especial, apresenta artigos, relatos de experiência, resenhas e uma entrevista com Alfredo Veiga-Neto que tematizam e problematizam as artes de produção de uma vida bela e livre no campo da educação.

Boa leitura!

ⁱ Organizadora do Dossiê Itinerâncias entre Michel Foucault e Educação

ⁱⁱ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24^a ed. São Paulo: Loyola, 2014, p. 41.

ⁱⁱⁱ FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014, p. 70.